

# Fim do monetarismo, segundo José Scheinkman

18 AGO 1985

O monetarismo chegou ao fim. Esses economistas têm uma visão muito estreita e imediata sobre o que acontece na economia do País. É uma pena que muitos deles ainda estejam no atual Governo brasileiro.

Quem faz a afirmação é o Professor José Alexandre Scheinkman, carioca do Flamengo, 37 anos, único brasileiro e um dos dois latino-americanos que são professores titulares de economia da Universidade de Chicago, local considerado o maior celeiro do mundo, justamente de economistas monetaristas.

— Os monetaristas — acusa Scheinkman — enfatizam e exageram demais os fenômenos monetaristas (efeitos da emissão de moeda e da compra ou venda de títulos públicos sobre a atividade econômica do País). Só isso não explica tudo o que ocorre na economia e as soluções muitas vezes estão fora desta órbita.

Scheinkman se define lo-

go como um neo-clássico, cuja teoria básica é a de que “cada pessoa maximiza seu próprio interesse”, ou seja, busca o melhor retorno para a sua aplicação ou investimento. Por isso, muitas vezes, segundo Scheinkman e todos os neo-clássicos, ocorrem os “choques” de oferta ou de demanda, como o de petróleo em 1973, que acabou prejudicando a atividade econômica de muitos países, inclusive do Brasil, não tendo nada a ver com os chamados fenômenos monetaristas.

Nos Estados Unidos desde 1970, depois que se formou em economia pela Universidade Federal de Economia e em matemática pelo Instituto de Matemática Pura Aplicada, Scheinkman assumiu o cargo de professor titular de economia da Universidade de Chicago em 1973, com 32 anos. Mas assegura que nunca foi contaminado pelo vírus do monetarismo.

— Todo mundo imagina que quem estudou ou é pro-



José Alexandre Scheinkman, 37 anos, único brasileiro que é professor titular de Economia em Chicago

fessor da Universidade de Chicago é um monetarista. E pior: imagina-se que quem passou por essa universidade pensa igual ao Milton Fridman (o mais conservador e notório economista monetarista de Chicago, hoje aposentado). Isso pode ter ocorrido em parte quando o Fridman era professor titular. Agora o panorama é outro.

Segundo Scheinkman, os monetaristas de Chicago, a maioria deles, tem hoje uma visão mais aberta de

todos os problemas e soluções econômicas. Esse comportamento, no entanto, ele não percebe nos atuais monetaristas brasileiros, que continuam conservadores, ortodoxos.

A imagem do Brasil, vista de fora para dentro, na opinião de Scheinkman e, segundo ele, da maioria dos banqueiros estrangeiros, é boa, no momento.

— A dívida externa brasileira — diz Scheinkman — esse ano ficará estável em US\$ 100 bilhões, o mesmo

valor do fim do ano passado. Os banqueiros estão recebendo religiosamente a parte dos juros dessa dívida. Então, não haverá problemas pela frente, e o Brasil poderá fechar um bom acordo com os banqueiros ainda este ano.

O que gera preocupação por parte dos banqueiros externos, observa Scheinkman, são os problemas internos do Brasil, que mais tarde poderiam prejudicar as exportações, e o próprio pagamento da dívida externa. Entre os problemas internos estão: o elevado déficit público (o déficit de caixa atingiu Cr\$ 35 trilhões de janeiro a julho deste ano), a inflação e as altas taxas de juros.

— O que se precisa atacar de imediato no Brasil, dentro de uma política a longo prazo, é a redução do déficit público. Certamente ainda há espaço para mais cortes, além do que já foi anunciado. Também há mais espaço para o Governo aumentar as suas receitas, através de impostos

(bens de capital, herança, excesso de riqueza). Isso permitirá que o Governo recorra menos vezes ao sistema financeiro para rolar a sua dívida, o que forçará a redução das taxas de juros no mercado interno, estimulando novos investimentos por parte de empresas e gerando mais empregos.

Scheinkman não pensa em voltar definitivamente para o Brasil, apenas manter programada a sua vinda duas vezes por ano. Em Chicago, explica ele, como professor titular, tem sua vaga garantida para o resto da vida, e recebe um salário mensal hoje de US\$ 8,5 mil (Cr\$ 55 milhões), com o que pode viver apenas sendo professor.

— Aqui no Brasil, para viver bem, o professor de economia tem que estar ligado, além da universidade, a mais uma ou duas empresas, prestando assessoria especial. Nos Estados Unidos não. Lá se pode viver bem, dedicando-se ao estudo e à pesquisa da economia.